



IX CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

Portugal, território de territórios

ÁREA TEMÁTICA: Crenças e Religiosidades [AT]

A MÚSICA AO SERVIÇO DA RELIGIÃO

VALENTE, Joel

Mestrado em Teologia, UCP, joelpedro44@hotmail.com

Duque, Eduardo

Doutoramento em Sociologia, Universidad Complutense de Madrid, eduardoduque@braga.ucp.pt

Resumo

Este artigo estuda a relação que a música estabelece com o crente. Através da realização de 30 entrevistas a residentes no Concelho de Moimenta da Beira procurou-se perceber até que ponto a música ajuda a chegar até Deus. As conclusões mostram que a música dá um grande suporte à religião, já que ajuda o indivíduo, com mais ou menos fé, a encontrar o seu equilíbrio, seja pela via da contemplação, através do reconhecimento da grandeza e beleza de Deus, seja pela dimensão comunitária, tornando as celebrações mais vivas e agradáveis e, neste contexto, é também ela um instrumento funcional que unifica e dá sentido ao indivíduo e à própria comunidade.

Abstract

This article studies the relationship that music establishes with the believer. By conducting 30 interviews with residents in the Council of *Moimenta da Beira* it was attempted to understand to what extent music helps to reach God. The findings show that music gives great support to religion, as it helps the individual, with more or less faith, to find their balance, either by means of contemplation, through recognizing the greatness and beauty of God, either by the community dimension, making celebrations more vivid and enjoyable, and in this context, it is also a functional tool that unifies and gives meaning to the individual and the community itself.

Palavras-chave: Arte, Religião, Música
Keywords: Art, Religion, Music

COM0162

Resumo: A música é a combinação de ritmo, harmonia e melodia, de maneira agradável ao ouvido. Num sentido mais amplo, é a organização temporal de sons e silêncios (pausas). Das variadíssimas formas de dizer o que é a música, a mais comumente aceita é a que a define como harmonia entre as diferenças, numa sucessão de sons estruturados que provocam uma vibração em cada um capaz de lhe transmitir um sentimento. É ritmo, é arte, é envolvimento e interioridade, é conforto e é, muitas vezes, forma de expressar o que de outra maneira não se consegue. Neste contexto, a música surge como uma forma de dizer o indizível, e aqui não só toca o sobrenatural como é uma forma simples de auxiliar o crente a chegar até Deus. Funciona como um “ascensor” que liga o imanente ao transcendente, o natural ao sobrenatural, estabelecendo uma gramática própria, que conjuga sabiamente a relação do Homem com Deus e de Deus com o Homem.

Elevar através da música é impulsionar o ser humano a estabelecer diálogo, relação com Deus, que equivale ao que, na linguagem religiosa, se entende por oração. E, neste sentido, a música é uma mediação que remete para o infinitamente Outro, já que, ao transcender o âmbito do simplesmente humano, projeta-o para o divino.

De forma a perceber a relação que a música estabelece com o crente, recorreu-se a uma amostra não probabilística, por conveniência, composta por 30 indivíduos, de ambos os sexos, com idades compreendidas entre 30 e os 65 anos, com atividades profissionais diferentes e residentes no Concelho de Moimenta da Beira, a quem se perguntou se a música o ajuda a chegar até Deus. Desta forma, através de uma abordagem qualitativa, proporcionada pelas entrevistas, foi possível concluir que a música dá um grande suporte à religião, já que ajuda o indivíduo, com mais ou menos fé, a encontrar o seu equilíbrio, seja pela via da contemplação, através do reconhecimento da grandeza e beleza de Deus, seja pela dimensão comunitária, tornando as celebrações mais vivas e agradáveis e, neste contexto, é também ela um instrumento funcional que unifica e dá sentido ao indivíduo e à própria comunidade.

1. Problemática

A música ao serviço da religião é um tema atual e pertinente devido à implícita conexão existente entre ambas as dimensões: a música e a religião. Desde sempre, a música assumiu uma ampla importância na vivência da religião de forma transversal. A função da arte, onde se insere a música, é dar significação transcendente, além da simples descrição do real e é por esta chave que se orienta esta investigação.

Se a música é utilizada em diversos contextos e em situações sociais diferenciadas, que dizer da música no espaço religioso? Será a música importante para o crente na sua relação com o transcendente?

No âmbito religioso, recorre-se à expressão musical por diversos motivos, sendo que, os mais frequentes, têm como finalidade o encontro com o transcendente, o louvor e o agradecimento pelas graças recebidas, no entanto, surge novamente a interrogação: qual é a relevância da música na vivência religiosa das pessoas?

O presente estudo procura dar resposta a estas interpelações, procura contribuir para a compreensão da música ao serviço da religião e, de uma forma particular, perceber a importância da música nas celebrações e o papel que desempenha na relação entre o crente e Deus.

Posto isto, o artigo centra toda a sua atenção na experiência pessoal do crente, que através da música, como arte combinatória de ritmos e experiências diferentes, é levado a ter um determinado comportamento.

Na primeira parte do artigo, debruçamo-nos, conceptualmente, na música como forma de arte e religião, sendo que, na segunda parte, apresentamos os resultados empíricos do trabalho de campo; finalmente, na conclusão será apresentada uma reflexão sobre a função da música na religião.

2. A Música no contexto da Arte e Educação

A Música é a combinação de ritmo, harmonia e melodia, de maneira agradável ao ouvido. No sentido amplo é a organização temporal de sons e silêncios (pausas). Das variadíssimas formas de dizer o que é a música, podemos apresentá-la como harmonia entre as diferenças numa sucessão de sons estruturados que provocam uma vibração em cada um capaz de lhe transmitir um sentimento. É ritmo, é arte, é envolvente, é forma de dizer o que não se consegue de outra forma. Como refere Barroso (2004: 85), em *Arte e sociedade*, “a arte pode assumir a condição de expressão tanto de um mundo interior (experiência pessoal, ideais, gostos transparecem na criação do artista) como de um mundo exterior do artista. Apresenta-se ao público, por conseguinte, como uma conceção individual. No entanto, o artista não é imune às influências do meio social em que vive. É um ser histórico, inserido num determinado contexto sociocultural e com um passado de experiências que se repercutem na obra”.

Afirma Geertz (1997: 142), em *arte como sistema cultural*, “como é notório, é difícil falar de arte. Pois a arte parece existir em um mundo próprio, que o discurso não pode alcançar. Isso acontece mesmo quando ela é composta de palavras, como no caso das artes literárias, mas a dificuldade é ainda maior quando se compõe de pigmentos, ou sons, ou pedras, como no caso das artes não-literárias. Poderíamos dizer que a arte fala por si mesma: um poema não deve significar e sim ser, e ninguém poderá nos dar uma resposta exata se quisermos saber o que é o jazz”.

Por sua vez, definir religião não é tarefa fácil; existem muitas interpretações possíveis do mesmo conceito, no entanto devemos “considerar que qualquer que seja a definição de religião tem de ser, até certo ponto, “ampla” e “aberta”, correndo o risco de se considerar “indefinição”, no sentido de que é o investigador quem determina a ótica do que vai observar para definir, preferindo uns aspetos e preterindo, consciente ou inconscientemente, outros” (Duque, 2014: 23).

Na tentativa de fazer uma síntese e projetar uma definição de religião, poder-se-ia considerar, segundo Duque (2014: 25) como “um conjunto de crenças e valores, dadores de estabilidade, dinâmica e sentido, organizados em representações simbólicas e referentes a uma realidade que transcende o indivíduo. Esta definição supõe o ajuste do espírito humano à realidade, com toda a sua carga simbólica e imaginativa que esta envolve. Falamos de ajuste porque, em rigor, a religião implica uma situação, isto é, um contexto humano e social”.

Referir a arte num estudo sociológico é colocá-la numa relação recíproca e dinâmica, Como refere Paulo Barroso (2004: 84) “a obra de arte revela uma realidade transfigurada. Da conjugação da realidade social com o pensamento e sentimento que movem o artista nasce a obra”. Segundo este mesmo autor (2004: 83), “a criação artística como expressão social está patente na variedade de estilos, formas, matérias e temas que marcam as épocas das obras de arte. Ao longo da história, a arte tem conseguido expressar a diversidade religiosa: os templos gregos em honra dos deuses, as pirâmides egípcias, as mesquitas árabes, os mosaicos bizantinos ou os vitrais góticos e os capitéis românicos das catedrais ocidentais. A arte é interpretação da sociedade e tanto pode corroborar como criticar uma determinada situação social ou certos valores de uma época. Esta possibilidade atribui à obra um certo valor social de intervenção”. Portanto, a arte deixa a sua marca na história de qualquer sociedade contribuindo, ao mesmo tempo, como espelho dessa mesma sociedade, para a sua transformação, na medida em que aduz perspectivas novas às referências tradicionais.

É no contexto da imersão da obra no seu meio, no “*hic e nunc*”, que Walter Benjamin (1992: 77), no seu ensaio sobre “A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica”, refere “mesmo na reprodução mais perfeita, um elemento está ausente: o *hic e nunc* da obra de arte, sua existência única, no lugar em que ela se encontra. É nessa existência única, e somente nela, que se desdobra a história da obra. Essa história compreende não apenas as transformações que ela sofreu, com a passagem do tempo, em sua estrutura física, como as relações de propriedade em que ela ingressou”.

O “hinc e nunc” da obra de arte, a que se refere Benjamin, faz com que a arte tenha uma dimensão histórica e, simultaneamente, prolongue os seus símbolos em cada contexto, fazendo com que ela perdure no tempo, o que leva Berger (1980: 291) a dizer que é justamente o carácter reprodutível e multiplicável da arte que nos serve como princípio básico para que a possamos entender.

Se a arte para Benjamin (1992), reproduzida no “hinc e nunc”, assume a sua plenitude quando se relaciona com a sua historicidade, ou seja, com o seu tempo e espaço, o que a leva a assumir, consoante os contextos, diferentes interpretações, há quem veja na arte somente o seu carácter intrínseco. Um destes casos é Igor Stravinski (1935) para quem a música é, pela sua própria natureza, impotente para exprimir o que quer que seja, sentimentos, atitudes de espírito, humor psicológico ou fenómenos da natureza (*apud* Campos, 2007: 81). Também, neste contexto, diz John Cage (1957: 89): “é preciso permitir aos sons serem sons... eles não devem ser portadores duma ideia ou duma associação ao que quer que seja” (*apud* Campos, 2007: 81). Daí que Berger (1980) refira que o erro tem sido o de classificar coisas como arte considerando as fases do processo de criação e não como testemunho de uma opção humana exercida num determinado contexto.

Por sua vez, outros autores realçam o valor expressivo da música e acentuam o seu potencial para referir e produzir emoções, por exemplo, Richard Wagner, para quem a música pode expressar o indizível em linguagem verbal ou Ludwig van Beethoven, que insistia na relação entre música e filosofia (Campos, 2007: 81). Também para Bourdieu (2003: 163-164), e apesar da sua dificuldade em falar da música, afirma o seguinte: “a música é, se assim se pode dizer, a mais espiritualista das artes do espírito e o amor da música é uma garantia de ‘espiritualidade’. (...) A música é solidária da alma. (...) A música é a arte ‘pura’ por excelência”.

A música penetra no ser humano e pode até modificar o seu estado de espírito ou até mesmo convicções, vejamos o caso do poeta e dramaturgo francês Paul Claudel, que se converteu ouvindo o canto do *Magnificat* durante as Vésperas de Natal na Catedral de Notre-Dame de Paris: “Naquele momento deu-se o acontecimento que domina toda a minha vida. Num instante o meu coração comoveu-se e eu acreditei. Acreditei com uma força de adesão tão grande, com um tal elevamento de todo o meu ser, com uma convicção tão poderosa, numa certeza que não deixava lugar a espécie alguma de dúvida e que, a partir daquele momento, raciocínio algum ou circunstância da minha vida movimentada puderam abalar a minha fé nem afetá-la” (Valente, 2015: 31).

Na verdade, nem todos estão convictos de que a música, como expressão artística, apresente um grande potencial expressivo e que é possível a linguagem musical como um instrumento de diálogo.

Seguindo a perspectiva desenvolvida pelas *teorias da receção*, pode argumentar-se que “nem a linguagem comum nem a comunicação musical devem entender-se como veículos através dos quais uma mensagem sem ambiguidade passa de um transmissor a um recetor. À semelhança do emissor, também o recetor tem um papel ativo na atribuição de sentido aos sons organizados de acordo com as convenções linguísticas ou musicais; o significado da música depende, pois, tanto de procedimentos interpretativos do ouvinte como do trabalho do compositor” (Campos, 2007: 85).

Desta forma, partimos do princípio de que o canto e a música nas celebrações têm uma grande função ministerial, pelo que se sustem que a música nas celebrações religiosas ajuda o crente a ficar mais desperto e sensível ao sobrenatural.

3 – Metodologia - recolha e análise dos dados

Com o intuito de dar resposta aos objetivos a que nos propusemos atingir, torna-se importante delinear o tipo de estudo a implementar, para assim especificar o instrumento que irá permitir a obtenção da informação às questões de investigação.

Assim, a abordagem da presente investigação assume um carácter qualitativo, na medida em que segundo Sampieri *et al.* (2007:15) “dá profundidade aos dados, à riqueza interpretativa, à contextualização do ambiente, aos detalhes de experiência única. Também oferece um ponto de vista ‘recente, natural e holístico’ dos fenómenos, assim como flexibilidade” (*ibidem*).

A metodologia qualitativa, neste contexto, permite compreender o significado da música na celebração litúrgica, já que atende às experiências vividas por cada pessoa no seu contexto. Segundo Imaginário (2008:93), “o investigador que orienta a sua investigação através do método qualitativo preocupa-se com a compreensão absoluta e abrangente do fenómeno em pesquisa (...) observa, descreve, interpreta e aprecia o meio e o fenómeno tal como se apresenta, sem procurar controlá-los”. E esta investigação visa precisamente descrever e interpretar e não avaliar.

Quanto ao instrumento de recolha de dados, vamos recorrer à entrevista. Segundo Savoie-Zajc (2003:281) a entrevista consiste “numa interação verbal entre pessoas que se envolvem voluntariamente em igualdade de relação, a fim de partilharem um saber experienciado e isto, para melhor compreender um fenómeno de interesse para as pessoas implicadas”. Desta forma, o objetivo da entrevista é o de chegar à compreensão de uma certa realidade, de um certo fenómeno, sendo esta a nossa intenção, pois, os entrevistados são convidados a fazer parte do estudo, porque são considerados possuidores destas competências, do saber específico tentamos compreender melhor.

Relativamente ao processo amostral, vamos recorrer a uma amostra não probabilística por conveniência, uma vez que os inquiridos que participarão no estudo possuem, na nossa perceção, as características pretendidas para o trabalho em questão, pelo que vão ao encontro dos objetivos delineados inicialmente. Contudo, por se tratar de um processo não probabilístico, não podemos generalizar os resultados obtidos a partir da amostra para a população, já que a representatividade não está garantida.

O processo amostral consiste na escolha de 30 pessoas, de ambos os sexos, com idades compreendidas entre 30-65 anos e com diferentes atividades profissionais, concretamente, 14 pessoas têm profissões qualificadas, sendo 9 homens e 7 mulheres, e 16 profissões não qualificadas, 6 homens e 8 mulheres. A pessoa mais nova tem 30 anos e a mais velha 65, sendo que a média de idades é de 45,27 anos (Q.1).

Profissões qualificadas		Profissões não qualificadas	
Professor	6	Agricultura	12
Jornalista	2	Mecânico, camionista	2
Sacerdote	2	Doméstica	1
Advogado	1	Auxiliar	1
Contabilista	1		
Enfermagem	2		
N=	14	N=	16

Quadro 1 – Número de Inquiridos segundo a situação profissional. Fonte: Elaboração própria com base em inquéritos por entrevista realizados entre Outubro e Dezembro de 2015.

O questionário foi elaborado com três tipos de perguntas. Três perguntas sociodemográficas (sexo, idade e atividade profissional); duas questões relacionadas com o tema central e, a partir dos princípios gerais que

devem ser adotados na condução de uma entrevista em profundidade de Oliveira, Martins e Vasconcelos (2012), elaboramos outras duas perguntas com intenção de desenvolver empatia e ganhar a confiança dos entrevistados para responderem de forma espontânea e verdadeira (Anexo 1).

A temática da entrevista circulava à volta da música e a sua relação com o transcendente, já que o importante era entender como é que as pessoas entendiam a música no espaço sagrado.

Resultados

Tanto os homens como as mulheres reconhecem que a música é fundamental nas celebrações. A música deve servir a religião, como instrumento importante na relação do humano com o divino. Verificamos que não houve diferenças expressivas relativamente ao sexo, no entanto, o mesmo já não se pode dizer em relação à atividade profissional, já que quem trabalha na agricultura ou é doméstica foi mais contido nas suas opiniões, o que nos remete para um escasso conhecimento nesta matéria, do que os professores e jornalistas que desenvolveram melhor as suas respostas.

Relativamente à questão *O que acha da música nas celebrações?*, uma mulher pertencente ao grupo dos não licenciados, partilhou: “acho muito bonito, quando não há música na minha Igreja, dá-me a impressão que já não é a mesma coisa”. Por sua vez, um homem do mesmo grupo, afirmava: “muito importante, sem a música as celebrações não tinham sentido”.

Colocada a mesma pergunta, ao grupo de professores, um homem, já de forma mais alongada dizia que: “A música é fundamental no decorrer das celebrações, devendo esta, se possível, estar adaptada ao tipo de celebração e, por conseguinte, ao(s) tema(s) que se pretendem abordar. Deve ter-se o cuidado, sempre que possível, de encontrar formas que possibilitem a participação dos vários elementos da assembleia, não circunscrevendo a música apenas ao coro. De qualquer modo, não obstante o que está escrito, deve ter-se o cuidado para preservar o que, na celebração, é muito importante: o que se passa em torno do celebrante, na mesa do altar. A música não deve distrair, antes, deve fortalecer o espírito de comunhão e participação”.

Já, uma pessoa do sexo feminino, partilhando a mesma atividade profissional, referia que a música nas celebrações é “muito importante, porque envolve toda a comunidade com o canto e as palavras, mensagens de Deus. Transmissão mais simples e acessível a todos. A música eleva-nos, mais facilmente, a Deus. Como quem canta reza duas vezes, a beleza harmoniosa da música, leva-nos a ouvir de uma forma mais bela as palavras de Deus.”

Neste mesmo contexto das últimas duas intervenções, encontram-se os jornalistas, para quem as respostas não apresentaram diferenças significativas em relação ao grupo de professores, tanto os homens como as mulheres, que referiram que a música é importante nas celebrações.

Apesar de não haver diferenças notórias entre professores e jornalistas em relação à perceção da importância da música nas celebrações, há como que diferentes nuances, vejamos: uma mulher pertencente a este último grupo referia que a música “é importante, pois embeleza as celebrações e torna-as mais vivas e agradáveis. Sentimo-nos elevados por sons que penetram no nosso coração e comungamos todos o mesmo espírito cristão”.

Já um homem, do mesmo grupo profissional, chamava a atenção para a importância da diversidade das músicas: “Acho que devem ser variadas e alegres para que nos sintamos mais felizes na Igreja. Também torna a celebração em grupo, mais forte.” Na generalidade, destaca-se a função bela, alegre e necessária que a música provoca nas celebrações, de acordo com as diversas respostas.

Comentário final

Este artigo procurou descobrir quais as preferências e o impacto que a música tem quando está ao serviço da religião. Uma e outra tem uma ligação umbilical, como que a religião sem música seja como que uma

fotografia sem cor. Por vezes é bonita e intensa, mas quando a fotografia é monocromática pode levar a que se perca muita informação. Assim também pode acontecer numa celebração religiosa quando não há música, perdendo-se muito da sua beleza.

Este estudo evidencia claramente a importância da música na vida das pessoas, e se a música foi apresentada como um auxílio, então podemos dizer que está ao serviço da relação entre o imanente e o transcendente, elevando o natural ao espaço sobrenatural, servindo de verdadeira “re-ligação”, ao unir o Homem a Deus.

Referências

AA.VV, *Dossier débat: musique e politique*, Musique en Jeu, nº 3, 1971.

Abreu, Paula, (2000). Práticas e consumos de música(s): ilustrações sobre alguns novos contextos da prática cultural, *Revista Crítica de Ciências Sociais*. Coimbra. nº 56.

Abreu, Paula, (2010). *A música entre a arte, a indústria e o mercado*. Coimbra: Universidade de Coimbra.

Barroso, Paulo (2004). “Arte e sociedade: comunicação como processo”, In *Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia, Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção*. Braga: APS

Benjamin, Walter (1992). *Sobre arte, técnica, linguagem e política*. Lisboa: Relógio d’água.

Berger, J. (1980). *About Looking*. Nova York: Vintage.

Bourdieu, Pierre (2003), “A origem e a evolução das espécies de melómanos”, In Pierre Bourdieu, *Questões de Sociologia*, Lisboa, Fim de Século, 163-168.

Campos, Luís Melo, (2007). A música e os músicos como problema sociológico, In *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Lisboa, nº 78.

DUQUE, Eduardo, (2014). *Mudanças culturais Mudanças Religiosas. Perfis e tendências da Religiosidade em Portugal numa perspetiva comparada*. V. N. Famalicão: Húmus.

F. M. Mendonça, Luciana (2012). O fado e “as regras da arte”: “autenticidade”, “pureza” e mercado Sociologia. In *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. Vol. XXIII. pp. 71-86.

Geertz, Clifford (1997), “A arte como sistema cultural”, in Clifford Geertz, *O saber local. Novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis. Vozes. 142-181.

Imaginário, Cristina Maria Inocência (2008). *O Idoso Dependente em Contexto Familiar. Uma Análise da Visão da Família e do Cuidador Principal*. Coimbra: Edição Editora.

Oliveira, Verónica Macário de; Martins, Maria de Fátima; VAsconcelos, Ana Cecília Feitosa (2012). *Entrevistas “em profundidade” na pesquisa qualitativa em administração: pistas teóricas e metodológicas*. Universidade Federal de Campina Grande: 2012.

Sampieri, Roberto; Collado, Carlos; Lucio, Pilar (2007). *Metodologia de Pesquisa*. São Paulo: McGraw-Hill.

Savoie-Zajc, Lorraine (2003). A entrevista semi-dirigida, *Investigação Social*. Lourdes: Lusociência.

Stravinsky, (1935). *Chroniques de ma vie*. Paris: Denoël.

Valente, Joel (2015). *A música ao serviço da fé*. Braga: UCP.

ANEXO 1



Universidade Católica Portuguesa
Centro Regional de Braga
Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais

A MÚSICA AO SERVIÇO DA RELIGIÃO

No âmbito da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Católica Portuguesa, Centro Regional de Braga, estamos a desenvolver uma investigação sobre “**A música ao serviço da religião**”. Para este estudo será efetuada uma recolha de dados, para a qual se solicita a sua colaboração através do preenchimento do presente questionário e da Escala de Avaliação do Cuidador.

Todos os dados recolhidos são confidenciais e serão utilizados somente nesta investigação!

Muito obrigado pela sua colaboração!

Nº do questionário: _____

Data: ____/____/____

Sexo: _____

Idade: _____

Atividade profissional: _____

1. Gosta de música? Qual o género que mais aprecia?
2. A música é importante quando reza/ora no espaço Sagrado (Igreja/Capela)?
3. A música ajuda-o a aproximar-se de Deus? Como?
4. O que acha da música nas celebrações?